

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS TEXTOS LITERÁRIOS “A RESISTÍVEL ASCENSÃO DE ARTURO UI”, DE BERTOLD BRECHT (1941) E “A RESISTÍVEL ASCENSÃO DO BOTO TUCUXI”, DE MÁRCIO SOUZA (1982)

COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE LITERARY TEXTS "A RESISTÍVEL ASCENSÃO DE ARTURO UI", BY BERTOLD BRECHT (1941) AND "A RESISTÍVEL ASCENSÃO DO BOTO TUCUXI", BY MÁRCIO SOUZA (1982)

**Jocilene D'Avila da Silva¹
Verônica Diniz da Silva²
João Carlos de Souza Ribeiro³**

Resumo: No plano conteudístico, o presente trabalho - análise comparativa - tentará mostrar como a narratividade do texto de Márcio Souza, *A resistível ascensão do Boto Tucuxi*, faz uso da obra de Bertold Brecht, *A resistível ascensão de Arturo Ui*, e se apropria do título e dos principais elementos da trama para fazer uma leitura do comportamento político populista amazonense. A obra de Márcio Souza, portanto, liga-se à de Brecht pela veia da política e da ideologia em que ambos realizam uma mordaz crítica aos interesses dominantes na sociedade; tratam-se de paródias que transmitem, perpetuando, assim, forma pela qual o povo percebe e compreende os donos do poder.

Palavras-chave: Boto Tucuxi; Arturo Ui; Amazônia; política.

Abstract: This work intends to show as Márcio Souza's literary text throughout matter plan – comparative analysis - *A resistível ascensão do Boto Tucuxi* appropriates Bertold Brecht opus *A resistível ascensão de Arturo Ui*. Besides it this reflection points main elements and also title of texture to make a reading of amazon populist and political behaviour. Márcio Souza opus is connected to Bertold Brecht ones through ideology and way political which these both authors realize a sarcasm critic to the dominants advantages in society. These poetic texts have singular subject that are parodies that validate the way as people face power holders.

Keywords: Boto Tucuxi; Arturo Ui; Amazônia; political.

Introdução

A temática que permeia este trabalho expõe uma realidade vigente em épocas e espaços diferentes, retratando uma experiência do homem político e seu interesse pelo poder

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - Universidade Federal do Acre – UFAC. Especialista em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Acre – UFAC. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Acre – UFAC. jocilenedavila@hotmail.com

² Mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - Universidade Federal do Acre – UFAC. Especialista em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Acre. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Acre – UFAC. veradinizsilva@yahoo.com.br

³ Doutor e pós-doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Acre. Vice-coordenador do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – UFAC. E-mail: jcs_rj@outlook.com

público a qualquer custo. Cumpre esclarecer, inicialmente, que não privilegiaremos *a priori* a questão estética das obras de Márcio Souza e Bertold Brecht, mas, antes, ao seu valor social, mostrando como a literatura se apropria da ficção, e vai além, ultrapassando suas fronteiras criando condições para que os alunos, no exercício diário em construção, saibam e aprendam as temáticas do ponto de vista social, político e econômico.

A presente análise de caráter comparativo traz à baila, nas obras arroladas elementos considerados repulsivos à sociedade quanto ao viés político a partir do que é dito as ações ilícitas, e todo o discurso ilegítimo veiculado para a população. As duas obras expõem roubos, ações baixas, assassinatos prejudicando o povo e beneficiando a si próprios, governantes e políticos.

A reflexão em tela abordará o traço constitutivo e, portanto, crítico, entre as duas obras. A grande diferença entre as duas obras, *A resistível ascensão do Boto Tucuxi*, e *A resistível ascensão de Arturo Ui*, ao enriquecimento que Márcio Souza faz à obra de Brecht ao utilizar a lenda do Boto, que integra o folclore da região amazonense e sendo bastante difundida entre os povos dessa região.

A resistível ascensão de Arturo Ui é uma peça de teatro, divide-se em quinze partes, contendo ainda, prólogo e epílogo, mostra o protagonista Arturo Ui que pratica atos de malícia como extorsão e assassinato, para tentar a todo custo, buscar e obter o poder.

A referida peça foi escrita em 1941 por Bertold Brecht, época de grande crise econômica na Europa em decorrência da queda da Bolsa de Nova Iorque. Quando a obra é publicada, Brecht é obrigado a deixar seu país, de onde ficará afastado por quinze anos. O afastamento se dá pelo fato de Brecht, através dessa parábola, que é sua obra, mostrar, em plena ascensão do nazismo, na Alemanha, a falsidade da história oficial.

Outrossim, vale salientar que a obra de Márcio Souza, escritor amazonense, considerada uma obra não canônica, escreve sua obra no momento de crise por que passa a Amazônia devido à segunda queda da borracha, quando há nesse período uma forte recessão em toda região amazônica.

A resistível ascensão do Boto Tucuxi é uma narrativa folhetinesca que reproduz as artimanhas de um herói mítico chamado pelo povo de Boto Tucuxi, em sua trajetória, rumo ao poder, e, para isso, Márcio Souza aproveita-se da paródia alemã *A resistível ascensão de Arturo Ui*, de Bertolt Brecht, para fazer uma nova leitura da passagem da ditadura militar em Manaus, buscando recuperar a ascensão do populismo na Amazônia. Portanto, de posse do texto de Brecht, Márcio Souza introduz a lenda do Boto Tucuxi. A apropriação da lenda no

texto brasileiro apresenta o protagonista, Boto Tucuxi, no plano político na qual apresenta a ascensão do boto como motivo de contestação.

1 Literatura comparada

A literatura possui inúmeras formas de abordar temáticas reais e imaginárias. O presente artigo abordará a literatura nas obras de Márcio Souza e Bertold Brecht sob a ótica política. Destarte é necessária uma abordagem sobre literatura comparada, pois foi a forma utilizada na confrontação dessas duas obras.

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparativos, é um meio, não um fim. (CARVALHAL, 1986, p.7)

A literatura comparada é uma estratégia utilizada na confrontação literária de duas ou mais obras, em uma visão específica ou ampla de um ponto de vista de uma determinada obra, apresentando, diferenças e/ ou semelhanças de temas em épocas e gêneros.

Literaturacomparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes [...], a filosofia, a história, as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK, 1994, p. 175).

A literatura comparada é importante no ensino interdisciplinar, já que essa maneira de trabalhar literatura possibilita ao leitor visualizar outras áreas de conhecimento como, por exemplo, a respeito das obras de Márcio Souza e Bertold Brecht, a geografia, os espaços onde os fatos acontecem; a política, os cargos públicos que os protagonistas buscam a todo custo; o comportamento vil dos protagonistas para alcançar o poder e após conquistá-lo.

Esse mesmo enfoque conceitual da disciplina fora também oferecido em 1976, por Afrânio Coutinho no texto “Conceitos e vantagens da literatura comparada”: Como definição, podemos dizer que o comparatismo é o estudo da literatura em esfera internacional, situando-nos para além das fronteiras internacionais. Também diz respeito ao estudo das relações da literatura com outros campos da atividade espiritual, sejam eles religiosos, filosóficos, históricos, sociais, artísticos. É, em uma palavra, o estudo comparado da literatura com outra ou outras literaturas e com outras formas de expressão intelectual. Esta é a lição dos melhores teóricos da matéria. Em tese, há um acordo geral entre os comparatistas quanto à definição. Todavia, no que concerne ao método, e mesmo domínio de ação, variam os especialistas. (COUTINHO, 1976, p. 4).

2 Márcio Souza leitor de Bertold Brecht

As obras de Márcio Souza e Bertold Brecht mantêm constante relação de diálogo e tal relação se dá de forma explícita à medida que há repetição e transformação de fatos no texto de Márcio Souza em relação ao de Brecht. A comparação dessas paródias é relevante, pois

mesmo não se tratando de cânones, possibilita uma constante troca e empréstimo de textos entre literaturas de autores distintos de distintas regiões “ampliando, portanto seu objeto de interesse no campo das relações interliterárias e em consonância com o movimento geral dos estudos literários que abrem espaço para as chamadas literaturas não-canônicas” (NITRINI, 2000, p. 279).

Na obra de Bertold Brecht, já no prólogo, temos um apresentador que conta a história resumidamente e apresenta o protagonista Arturo Ui como um elemento especial do submundo do crime. Vejamos como nos chama a atenção o apresentador: “E finalmente, a nossa maior atração! O gangster de todos os gangsteres! O famigerado Arturo Ui!” (BRECHT, 1992, p.26).

O protagonista tem uma vida de crimes, e por onde passa deixa um rastro de sangue, cometendo toda sorte de atrocidades para obtenção do poder.

A resistível ascensão do Boto Tucuxi é uma narrativa com um narrador em terceira pessoa, sendo psicografado por Ediney Azancourt, mas o verdadeiro autor da história, segundo o narrador é:

O extinto jornalista Epaminondas Antony, lumiar da imprensa planaciária, senhor de uma pena capaz de desfazer reputações: Epaminondas Antony, poeta parnasiano, autor de um delgado volume de poesia intitulado “Volulas do ciúme”, em vida titular da cadeira número 10 da Academia Amazonense de Letras, cujo patrono é Santa Rita Durão, faleceu em 1946. (SOUZA, 1992, p. 14-17)

Podemos perceber, já no início das leituras, um elemento semelhante entre as duas obras. Tanto Arturo Ui quanto o professor Boto Tucuxi buscam o poder, porém em épocas e em espaços diferentes. Arturo Ui busca o poder durante uma crise econômica, que se dá na Europa, nas décadas de 20 a 40, enquanto o professor Boto procura sua ascensão no poder na Amazônia brasileira, mais especificamente no estado do Amazonas nas décadas de 1950 e 1980 no período da Segunda decadência da borracha.

O fenômeno pós-moderno se revela justamente naquelas obras em que se vislumbra uma pluralidade de linguagens, modelos e procedimentos, e onde oposições como aquelas entre realismo e irrealismo, formalismo e conteudismo, esteticismo e engajamento político, literatura erudita e popular cedem lugar a uma coexistência em tensão desses mesmos elementos. Utilizando-se da paródia e de outros recursos técnicos desestabilizadores, o Pós-Modernismo desestrutura figuras e vozes narrativas estáveis e problematiza toda a noção tradicional de conhecimento histórico, pondo em questão ao mesmo tempo todas as instituições e sistemas que constituem as fontes básicas de significado e valor da tradição estética ocidental. (COUTINHO, 2013, p. 41)

Boto assume o poder: "Um lumpesinato perdulário e rico comemorava a vitória. Eram bicheiros, contrabandistas, receptores de furto, sonegadores, trambiqueiros, estelionatários, enfim, todo o Código Penal ao vivo estava entrando com o novo governador no Palácio" (SOUZA, 1992, p. 142).

Arturo Ui chega ao poder num período de crise econômica na Europa, em decorrência da queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, como podemos verificar no texto de (LENHARO, 1991, p.256), que aborda bem a questão quando diz: “A crise Alemã acompanhava o movimento de crise geral capitalista desde a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em outubro de 1929”.

Como o texto de Brecht é elaborado em forma de parábola, ele subverte a questão acima citada, usando o Cartel da couve flor, que é manipulado por gangsteres para expor de forma implícita a relação de seu texto com a estória da crise vivida pela Alemanha. O que comprovamos na seguinte passagem do texto: “É como se Chicago, a boa e velha tia, a caminho da padaria para comprar o leite matinal, descobrisse um buraco no seu bolso, e agora procurasse por seus centavos na sarjeta.” (BRECHT, 1992, p.127).

É nesse momento de crise, de falência e de miséria que Arturo Ui se aproveita para desenvolver seu plano de ascensão, apresentando-se como o salvador da pátria. Vejamos o que diz Brecht na seguinte citação do texto: “Vou me associar a eles. Estou decidido a protegê-los. Contra qualquer transgressão. Se preciso, por meio da violência.” (SOUZA, 1992, p.148).

Diferentemente, a obra de Márcio Souza retrata o período de 1953- 1982 em que Manaus enfrenta uma forte crise advinda da Segunda queda da borracha, que trouxe para Amazônia a decadência econômica. Como consequência a miséria da população, isso é verificável quando Márcio Souza diz: “O Estado encolhera. Fazer negócio era como encher panela com água (...). O comércio atacadista liquidava e até os mais sólidos, que trabalhavam na tarefa há quase um século, estavam na miséria.” (SOUZA, 1992, pp.42-43).

Tendo a crise como pano de fundo, o professor Boto aparece e começa a conquistar a todos com suas propostas de mudanças. Podemos perceber essa questão na seguinte passagem do texto: “...E entrei para a política como um defensor do povo, denunciando os governantes corruptos. Quem viver, verá.” (SOUZA, 1992,p.81).

A ascensão dos protagonistas nas referidas obras se dá, portanto, através de massacres, perseguições e muita violência. Arturo Ui não admite oposição ao seu governo, pois sua democracia é falsa e isso é claramente constatada no exemplo:

Arturo Ui _ Cada um pode escolher livremente o que fazer. O cidadão de Cícero sai hesitante. Dois guarda-costas o seguem. Logo após, ouve-se o tiro.
Givola _ E agora, quanto a vocês qual é a sua livre decisão? Todos levantaram as mãos, as duas mãos. (BRECHT, 1992, p.212).

Arturo Ui conquista o poder de forma totalitarista, mandando eliminar todos àqueles que se opõem a ele, como explicita Kelsen em seu texto:

Segundo o direito dos Estados totalitários, o governo tem poder para encerrar em campos de concentração, forçar a quaisquer trabalhos e até matar os indivíduos de opinião, religião u raça indesejável. Podemos condenar com a maior veemência tais medidas, mas o que não podemos é considerá-las como fora da ordem jurídica desses Estados. (KELSEN, 1996, p.44).

No texto de Bertold Brecht, fica explícito a questão do totalitarismo com a seguinte passagem em que Arturo Ui não poupa nem mesmo o homem que era de sua maior confiança. “Ui andando em direção a Roma, e lhe estende mão. Roma a agarra rindo. Neste momento em que ele não pode alcançar a sua Browning, Givola o derruba rápido como um raio com um tiro partido da cintura.” (BRECHT, 1992, p.216).

Outrossim, o professor Boto Tucuxi usa meios ilícitos em sua busca pelo poder. Primeiro exemplo disso ocorre quando ele mata o filho de uma importante figura da cidade de Manaus, simplesmente porque o rapaz ousou desafiá-lo. Constatamos tal situação na obra, a partir do fragmento a seguir: “Cortaram o negócio dele, o senhor sabe, não? Passaram uma navalha nos países baixos dele. Foi encontrado com as chamadas joias da família na boca” (SOUZA, 1992, p.53).

O professor Boto Tucuxi, através desses artifícios, consegue ser prefeito e, posteriormente, Governador do Amazonas. Analisemos o que diz o narrador:

...E conduzindo finalmente ao palácio Rio Negro o professor Boto Tucuxi, aos trinta anos de safanagem, o mais jovem governador do Amazonas. Um lupenatoperdunário e rico comemorava a vitória. Eram bicheiros, contrabandistas, receptores de furto, sonegadores, (...). (SOUZA, 1992, p. 142).

E ainda acrescenta mais:

Um sábio de orientação marxista enlouqueceria se tentasse compreender o fenômeno a partir do conceito de luta de classes, contra a oligarquia, não venciam os interesses dos trabalhadores, nem mesmo dos empresários mais modernos. No Amazonas, o contrário da oligarquia era ainda o marginal. (SOUZA, 1992, p. 142).

Assim, o professor Boto obtém o poder, assumindo sempre uma postura autoritária permitindo que haja outros partidos políticos desde que estes não se oponham as suas ações. Além disso, o professor Boto não admite que ocorram mobilizações populares. Podemos observar esta questão no texto quando as prostitutas entram em greve e o governador Boto consegue desmobilizá-las, oferecendo-lhes propostas demagógicas apenas para mantê-las quietas, como vemos nesta citação do texto, (SOUZA, 1992, p.187) “O governador tinha dominado a situação. Posso fazer o seguinte: mandar distribuir livros escolares, cadernos, lápis, borracha e fardamento para aquelas que tiverem filhos. É só pegar o cartão e fazer fila na frente do palácio”.

Além de Tucuxi e Ui manipularem todas as camadas sociais, desde a mais simples à elite, eles também não se sentem ameaçados diante da lei, pois, mesmo levados a julgamento pelos crimes praticados, dentre os quais podemos destacar os incêndios cometidos por Tucuxi ao jornal A crítica e o incêndio ao armazém nas docas por Arturo Ui. Como podemos

constatar nestas passagens dos textos de Márcio Souza e Brecht, respectivamente: “As oficinas de ‘A crítica’ voaram pelos ares. O Boto inaugura o terrorismo explosivo em Manaus...”. (SOUZA, 1992, p.128).

- Fogo no distrito das docas!
- Onde?
- Aqui tem alguém chamado Hook?
- Estou aqui o que foi?
- O seu armazém está pegando fogo.
- (...) é um incêndio criminoso?
- É lógico, encontraram latas de gasolina chefe. (SOUZA, 1992, p.170).

Tanto Arturo Ui quanto o professor Boto conseguem livrar-se das acusações, saindo impunes do julgamento. O exemplo da impunidade do professor Boto Tucuxi acontece quando fica comprovado diante da lei que não houve atentado, e tudo não passara de um acidente, como vemos nesta passagem do texto: “... E quanto ao atentado, chegaram à conclusão que uma lata de tinta de impressão, guardada baixo ao sol inclemente, explodira por excesso de pressão.” (SOUZA, 1992, p.130).

Já Arturo Ui sai impune da acusação do incêndio, deixando que outra pessoa seja condenada. Observemos a seguinte citação: “- Charles Fish! condeno-o a quinze anos de cárcere por incêndio criminoso.” (BRECHT, 1992,p.179).

Portanto, apesar das acusações estes dominadores conseguem se livrar matando ou torturando as testemunhas, fazendo com isso suas próprias leis. É o que comprova a citação de Márcio Souza quando diz:

[...] Quando o trabalho foi retomado, meia hora depois, era um outro Pedro, funcionário, que sentava no banco das testemunhas. Suas bandagens e curativos aparentemente tinham aumentado uma temência arroxeadada praticamente vendava-lhe os olhos... (SOUZA, 1992, p.130).

E de Bertold Brecht: “... O senhor não está enxergando Sr. Hook? – Não. O senhor pode dizer que está em condições de reconhecer alguém clara e perfeitamente? – Não.” (BRECHT, 1992, p.147).

3 Boto Tucuxi e Arturo Ui como paródia de Gilberto Mestrinho e Adolf Hitler respectivamente.

A intertextualidade a partir da paródia é um mecanismo que permite ao autor inúmeras possibilidades de reflexão sobre a realidade e também sobre obras fictícias de outros autores. A paródia estimula a ação reflexiva, a análise e a crítica, interferindo diretamente no agir do indivíduo, que busca interagir com a realidade, transformando-a; “na paródia tem-se um

discurso ambivalente, no qual uma voz (um texto) absorve outro para depois repeli-la (o), subvertê-la (o) recriando-a (o) num modelo próprio” (LARA, 2011, p. 8).

Diante das características dos protagonistas, Arturo Ui e do professor Boto Tucuxi, percebemos que se tratam de figuras parodísticas de Adolf Hitler e Gilberto Mestrinho, respectivamente. Adolf Hitler uma figura histórica, que pertencia a uma camada social inferior e não à elite, como justifica (LENHARO, 1991, p.256) em seu texto: “Até então, Adolf Hitler tivera uma trajetória comum. Nascido em Braunau, no interior da Áustria, em 1889, era filho de um funcionário aduaneiro. Fizera seus estudos secundários em Linz para seguir profissão do pai.”

Idêntico à personagem, Hitler ascendeu ao poder por meios de perseguições e massacres. “Uma longuíssima peça (5 cenas) em paródia de verso branco heroico, tenta transportar para história de Hitler do início até a concepção da Áustria, para mundo dos gangsteres de Chicago...” (ESLIN, 1979, p.308).

Gilberto Mestrinho, uma figura importante na história política do Amazonas, um homem simples que se torna prefeito de Manaus e, posteriormente governador do Amazonas, é que semelhante à personagem parodística da obra de Márcio Souza, consegue a ascensão na política, através de atitudes sagazes e propostas demagógicas.

Assim, (SILVERMAN, 1995, pp. 253-254), comprova estas ações quando afirma: “...considerando o compromisso visceral do romancista com a paródia, Tucuxi torna-se uma figura repulsiva inspirada em Gilberto Mestrinho, o antigo e atual governador do Amazonas”.

Dessa forma, Márcio Souza e Bertold Brecht deixam claro que suas obras são o resultado de uma leitura da história. É o que encontramos no texto de Bertold Brecht: “Tudo, porém, é estritamente verídico, (...)” (SOUZA, 1992, p.126) e no de Márcio Souza: “... Pois os que terão oportunidade de ler não é coisa nova...” (SOUZA, 1992, p.14).

A literatura ajuda na compreensão de uma época histórica, não só mostrar a percepção do autor, mas também porque, do ponto de vista do leitor, a realidade literária tende a ser internalizada, servindo de referência para as ações do receptor. Neste sentido, a literatura pode ser entendida como produtora de representações que orientam práticas (CAPELATO, 1998, p. 174).

Na verdade, o objetivo de Márcio Souza e Bertold Brecht é mostrar a realidade política, possibilitando ao leitor uma visão crítica acerca da verdadeira face das coisas, que podem ser transformáveis, desmistificando o discurso da história oficial, mostrando que nem sempre ela é verdadeira, cabendo a nós leitores e também eleitores, o poder de refletir e não

permitir que fatos como os que foram mencionados ao longo do presente trabalho, continuem *ad aeternarum*.

Considerações finais

A literatura nestas obras comparadas traz à tona a história verossímil vislumbrada aos olhos de autores, que utilizam da ficção para apresentar a alienação e a submissão política e social do homem que se deixa seduzir hipocrisia em épocas e espaços tão distintos, mas que se deixa carregar consigo a falta de ética, moral e valores.

Destarte, concluímos que, por meio de parábolas tanto o narrador de o Boto Tucuxi, quanto o apresentador de Arturu Ui convidam o leitor para que veja além das aparências.

Ambos rompem com a concepção de história e constroem outra imagem aos históricos personagens Hitler e Mestrinho. Utilizando alguns elementos, que são típicos do distanciamento, isto é, os leitores são levados a não se envolverem com os textos, para dessa maneira adquirirem uma visão crítica sobre o que está sendo lido, como podemos verificar na seguinte citação: “...buscar tornar o espectador ativo, fazer com que ele tome consciência da realidade em que vive.”(GERD, 1992, p.253). Alertando assim o leitor a se posicionar indiferente às propostas governamentais para que dessa maneira possam escolher melhor seus representantes. Isto fica claro quando o apresentador nos adverte: “Uma coisa dessas chegou quase a governar o mundo?” (BRECHT, 1992, p. 213). Da mesma forma, o narrador em Boto Tucuxi também, nos alerta: “ ... até quando teremos estômago para manter a burrice como uma fisiologia metafísica?” (SOUZA, 1992, p,208).

Entretanto, nos deteremos na grande distinção entre as obras de Márcio Souza e Bertold Brecht, que se apresenta no modo como nascem os protagonistas e sua, no qual Márcio Souza em sua obra, um elemento do imaginário cultural no norte brasileiro. A lenda do Boto. Márcio Souza em sua obra nos diz: “... Não era um boto comum, o fruto daquele inusitado parto era um homem ainda jovem, por volta de seus trinta anos, baixo e moreno, os olhos escuros e demoníacos...” (SOUZA, 1992, p.26).

E nos esclarece: “... O mito dos mitos amazônicos, o destruidor do complexo de Édipo, o que fazem os filhos nascerem sem pai, o célebre Boto Tucuxi, flagelado da honestidade burguesa e ídolo das repartições públicas”.

No exemplo acima, vemos claramente como Márcio Souza trabalha a fusão da lenda do boto com a política – “O mito dos mitos amazônicos”, “ídolo das repartições públicas”, ele insere a questão da lenda do Boto que é bastante divulgada em toda região amazônica para mostrar toda a face “politiqueira” vivida no Amazonas.

“Golfinho do Amazonas, o boto, é um cetáceo fluvial indispensável no folclore do Pará. O Boto seduz as moças ribeirinhas dos principais afluentes do rio Amazonas e é o pai de todos os filhos de responsabilidade desconhecida.” (CASCUDO, 1980, P.127).

É dessa forma que a moral das famílias ribeirinhas mantem-se intactas. Boto é o grande culpado quando acontece alguma transgressão na lei dos bons costumes das moças virgens ou de mulheres casadas, pois é legada a ele a culpa dessas mulheres aparecerem grávidas sem maridos. Na cultura popular do Amazonas, a lenda do boto era usada para justificar a ocorrência de uma gravidez fora do casamento. Ainda nos dias atuais, principalmente na região amazônica, costuma-se dizer que uma criança é filha do boto, quando não se sabe quem é o pai.

Diferentemente da obra de Márcio Souza em relação à origem de seus protagonistas, Bertold Brecht apresenta um personagem comum de origem humilde vinda do Bronx: “Quando iniciei minha carreira nesta cidade, e posso dizer que não foi toda de insucessos, há quatorze anos como um filho do Bronx, como um simples desempregado (...)” (BRECHT, 1992, p.147).

Portanto, quando Márcio Souza lança mão da lenda do Boto e a utiliza como uma personalidade política no contexto amazônico, o referido autor marca a grande diferença de sua obra em relação à de Bertold Brecht.

Referências bibliográficas

BRECHT, Bertold. *A resistível ascensão de Arturo Ui*. Trad. Angelika E. Kohnke. Teatro completo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.8,1992.

CAPELATO, Maria Helena R. *A literatura argentina peronista*. In: ALMEIDA, Jaime (org). Caminho da história da América no Brasil: Tendências e encontros de um campo historiográfico. ANPHLAC, 1998.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

CASCUDO, Luis Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. Revisada e aumentada. Edições e melhoramentos, 1980.

COUTINHO, Afrânio. *Conceitos e vantagens da literatura comparada*. Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, v. II, n. 13, p. 3-4, jan./fev., 1976.

COUTINHO, Eduardo. *Literatura comparada. Reflexões*. São Paulo: Annablume 2013.

_____. *Literatura comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica*. Revista Brasileira de Literatura Comparada/Associação Brasileira de Literatura Comparada, Rio de Janeiro, n. 8, p. 41-58, 2006.

_____. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

ESLIN, Martin. *Brecht: dos males o menor – um estudo crítico do homem. Suas obras e suas opiniões*. Tradução: Bárbara Eliodora. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1979.

GERD, Bornheim. *Brecht: a estética do teatro*. Editora: Graal, 1992

JENNY, Laurent. *A estratégia da forma*. In: Poétique 27 intertextualidades. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

KELSEN, Hans. *Teoria pura do Direito*. Trad. João Baptista Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1986..

LARA, Glauca. Muniz Proença. *Publicidade e de ontem e de hoje: uma análise semiótica*. In: IX Congresso Latino-Americano de Estudos do Discurso – Anais da ALED 2011 – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, nov. 2011. pp.1-19.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: o triunfo da vontade*. 3ª Ed. São Paulo: Ática.

LOUREIRO. João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CERJUP, 1995.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2000.

REMAK, Henry H. H. *Literatura comparada: definição e função*. In: COUTINHO, Eduardo F., CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RIBEIRO, João Carlos de Souza. *A poética do verde em perspectivas – a eco-poética e os sistemas literários*. In: Desde as Amazônias – colóquios. Vol. 2. Rio Branco: Nepan Editora, 2014. p. 231-240.

SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Trad. Carlos Araújo. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995.

SOUZA, Márcio. *A resistível ascensão do Boto Tucuxi*. São Paulo: Marco Zero, 1992.

*Recebido em 02 de maio de 2018.
Aceito em 18 de janeiro de 2019.*